

**Vitorino Magalhães Godinho**

**Estrutura da Antiga  
Sociedade Portuguesa**



# Índice

<i>Vitorino Magalhães Godinho e a questão da escravatura</i> .....	13
DIOGO RAMADA CURTO	

Prólogo.....	29
--------------	----

## PRIMEIRA PARTE TENTATIVA DE ANÁLISE

I. EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA E URBANIZAÇÃO .....	35
1. A população.....	35
2. As cidades e os campos.....	40
II. A CONSTANTE FUGA DAS GENTES.....	55
III. A ESTRUTURA SOCIAL DO ANTIGO REGIME .....	75
1. Estratificação social e discriminações .....	75
2. Os três estados ou ordens.....	85
3. Composição social e factores de evolução .....	100
IV. A ECONOMIA AGRÍCOLA E MERCANTIL FRENTE À REVOLUÇÃO INDUSTRIAL.....	111
1. Revolução Industrial e Revolução Agrícola.....	111
2. Caminhos da industrialização e da modernização agrícola ....	116
3. Mercantilismo e industrialização.....	123
V. AS TRÊS IMPOSSIBILIDADES DO SÉCULO XIX PORTUGUÊS.....	129
1. A industrialização falhada .....	129
2. A irrealizada sociedade burguesa.....	134
3. Uma cultura sem eficácia social.....	139

VI. PERSISTÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES NUM MUNDO  
MUDADO (SÉCULOS XIX-XX)..... 147

SEGUNDA PARTE  
ANTOLOGIA: PONTOS DE VISTA E FONTES

Ritmos da história social económica portuguesa	
segundo Jaime Cortesão.....	173
Os cinco estados em que se divide a sociedade no século xv.....	191
Categorias sociais e hierarquia de vestuário 1472-1482.....	193
Em defesa da sociedade senhorial, contra a mercantilização, em fins do século xv, começos do xvi .....	196
Comparação de Lisboa com Milão em 1546 .....	198
Os modos de vida na sociedade de Antigo Regime.....	199
Um rico desafia as autoridades em São Tomé no século xvi.....	200
Os grupos sociais no Brasil no começo do século xvii .....	201
Composição profissional da população de Coimbra em 1610-1613.....	203
A preferência pelos bens de raiz e o não-incentivo ao investimento .....	205
Ostentação e prodigalidade: valores da classe nobre – 1578 .....	206
Quem pertence à fidalguia e à nobreza.....	210
Quem no século xvii segue estudos universitários.....	214
E o que estuda na Universidade .....	215
A inquisição contra a burguesia .....	215
O baixo nível de vida das classes populares .....	216
O baixo nível de vida das classes populares (uma aldeia do Minho em 1919).....	221
Os emigrantes (por Jaime Cortesão) .....	222
A mão-de-obra ínfima: ideologia e realidades.....	224
Os negros na população lisboeta .....	229
Diferenças regionais.....	231
Lutas de poderosos e motim popular .....	235
O povo luta contra a apropriação de pinhais .....	237
No rescaldo da Patuleia .....	238
A afirmação dos valores burgueses – 1834 .....	239
A negação romântica dos valores burgueses – Garrett 1843-1853 ..	244

A civilização burguesa implica a existência do povo	
na cidadania e no direito ao trabalho .....	247
O Porto em 1855 – geografia social (Júlio Dinis) .....	249
O trabalho dos menores nas fábricas por alturas de 1860-1865 (Silva Pinto) .....	251
 Orientação de leituras.....	 255
 Índice geográfico .....	 275
Índice onomástico.....	279
Índice temático .....	283

# Vitorino Magalhães Godinho e a questão da escravatura

*Diogo Ramada Curto*

No centenário do nascimento de Vitorino Magalhães Godinho, é fácil derrapar no elogio fácil ou, no extremo oposto, na contestação deste ou daquele argumento. Confesso que, durante os meus anos de aprendizagem junto do mestre, sempre preferi o caminho da frontal provocação. Bastava, é claro, referir, à sua frente, alguns nomes e, a partir deles, evocar os seus respectivos programas para suscitar a discussão. Assim acontecia, sobretudo, com um conjunto de intelectuais franceses, a começar por Claude Lévi-Strauss, Michel Foucault, Pierre Bourdieu ou o mais novo dos quatro, Roger Chartier. Quaisquer destes autores puseram em causa as análises estruturais e o projecto de uma história total, tal como foram propostos por Lucien Febvre e Fernand Braudel, que Magalhães Godinho adoptara como guias das suas investigações, ainda antes de partir para França. Considerando, note-se bem, ter sido discípulo do primeiro e colega do segundo, como várias vezes nos repetiu.

Repare-se também que a reacção a tais provocações nada tinha de novo. Em 1968 – quase dez anos decorridos desde que defendera o seu Doutoramento de Estado na Sorbonne, na situação em que se encontrava, fora da universidade portuguesa por ter sido demitido pela segunda vez por razões de perseguição política – escrevera, contra os que punham em causa o seu projecto de fazer história: «Discuta-se Lévi-Strauss, Barthes, tudo quanto se queira: mas faça-se a análise estrutural da nossa sociedade, da nossa economia, das nossas maneiras de sentir, pensar e de nos comportarmos.»<sup>1</sup> De qualquer

---

<sup>1</sup> V. M. Godinho, *Ensaio*, vol. 1 – *Sobre História de Portugal* (Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1968), p. XI.

modo, será inútil vir agora a terreiro, para reconstituir o sentido de tais provocações – tão escusado quanto o exercício mais ou menos hagiográfico que consistiria em fazer-lhe o elogio – e repetir a classificação das suas acções, distribuindo-as pela investigação, o ensino e a intervenção cívica.

O exercício que me proponho realizar é de outro teor. Ou seja, não se trata nem de elogiar o mestre a quem tantos, entre os quais me incluo, são devedores de muitas lições acerca da maneira de fazer história, e não só, também acções de vida e de consciência cívica; nem de uma provocação baseada num confronto, tal como todos os que lhe fomos próximos tentámos, numa evidente luta de gerações. O objectivo deste exercício, de carácter assumidamente analítico, consiste em procurar situar a relevância da escravatura ou, mais precisamente, da mão de obra e do tráfico de escravos no interior da obra de Magalhães Godinho. O problema colocado por uma análise deste tipo – e que, por isso mesmo, servirá de fio condutor – diz respeito ao peso atribuído à escravatura, no interior de um processo mais vasto de expansão e de construção de um império colonial.

Definido o objectivo e formulado o problema, mesmo que de forma sumária, será necessário começar por enunciar alguns obstáculos. A primeira barreira diz respeito ao facto de este exercício se mostrar contrário à preocupação englobante, orientada sobretudo para a percepção das grandes estruturas, que percorre toda a obra de Magalhães Godinho. Ao particularizar um único aspecto, o da escravatura, não estaremos a ir no sentido contrário ao da intenção do mestre? Ora, no decurso da própria análise, julgo que será possível demonstrar que a questão da mão-de-obra e do tráfico de escravos está por todo o lado, sendo difícil de acantonar numa gaveta, devido ao facto de manter relações constantes com as mais diversas estruturas económicas e sociais. Aliás, a preocupação em perceber conjuntos, denominados «complexos histórico-geográficos», a uma escala macro e nos diversos ritmos temporais, a começar pela longa duração, correspondeu, no trabalho de Magalhães Godinho, a um constante esforço.

Antes de mais, refiro-me às sucessivas tentativas de elaboração de planos, arrumados sempre em função da apreensão de estruturas dinâmicas, e destinados a responder a ideias de conjunto, capazes de englobar o todo sob a égide do económico e social. Nesta sequência, repare-se no facto de a obra de Godinho ser atravessada por constantes reformulações, revisões e aperfeiçoamentos. Os quatro volumes de *Ensaaios*, a que se seguiram dois de *Estudos e Ensaaios*. A nova terceira parte que a primeira edição em português de *Os Descobrimentos e a Economia Mundial* acrescentou à edição francesa (existindo uma quarta parte, segundo Joaquim Romero Magalhães, relativa aos aspectos culturais que chegou a ser pensada, mas que não se concretizou). As quatro edições de *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, com uma última em 1980 e que não voltou a ser publicada, livro que resultou de um «trabalho analítico» mais vasto, inicialmente concebido como *Estrutura e Conjuntura da Economia Portuguesa, Séculos XV-XIX*, em vários volumes, onde se trataria, «sempre que possível estatisticamente, as finanças públicas, os movimentos de preços e comerciais, as viragens estruturais e suas relações com a política económica, algumas ideologias, a textura das relações fundamentais da sociedade»<sup>2</sup>. A composição de *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar*, que aproveita e reorganiza textos publicados anteriormente.

Em todas essas obras prevalece a ideia de um plano de conjunto, acompanhado pela sua permanente revisão e melhoramento. Depois, na organização de todos esses planos e abordagens de conjunto, Godinho explicitou as suas filiações intelectuais, tal como sucedeu em relação a Sérgio, Cortesão, Veiga Simões ou Duarte Leite, ou como teve o cuidado de fazer em relação aos referidos historiadores franceses e a outros que tanto prezava, como todos os que praticaram

---

<sup>2</sup> Idem, entrevista conduzida por António Borges Coelho, *Seara Nova*, n.º 1480 (Fevereiro 1969), p. 56. Parte dos objectivos enunciados foi apresentada por Godinho em *Introdução à História Económica* (Lisboa: Livros Horizonte, 1970).